

50 ANOS DA ORGANIZAÇÃO MÉDICOS SEM FRONTEIRAS (MSF): BIOPOLÍTICA, MEMÓRIA E HISTORICIDADE EM PRODUÇÕES COMEMORATIVAS (1971- 2021) ¹

Beatriz Anselmo Olinto²

Maria Regina Monssão³

Resumo: O presente artigo apresenta uma análise sobre as produções comemorativas da organização humanitária Médicos Sem Fronteiras (MSF) publicadas em 2021, quando do aniversário de 50 anos de sua fundação. As fontes utilizadas foram o documentário “Fragmentos de História” e o *podcast* “Em Outros Cantos”, ambos disponíveis no site do MSF (www.msf.org.br). Em seus discursos comemorativos, essas produções traçaram uma linha cronológica dos eventos que marcaram a atuação da organização desde sua fundação em 1971. Os eventos são apresentados por meio de narrativas que combinam experiências com uma sequência cronológica. A hipótese aqui apresentada é que, ao início do século XXI, a organização vivenciou um agravamento dos problemas enfrentados no trabalho humanitário e, em resposta a essa situação, produziu o documentário e o *podcast* como parte de uma estratégia de enfrentamento desse quadro de insensibilidade moral. Dessa maneira, o MSF articulou uma discursividade comemorativa com a composição de uma historicidade para a sua trajetória, tendo uma identidade específica para si, fundamentada na diversidade de seus membros e na denúncia das situações de sofrimento humano, legitimando sua atuação e buscando uma sensibilização pública.

Palavras-chave: biopolítica; identificações; historicidade; História das doenças.

50 years of Médecins Sans Frontières: memory, biopolitics and historicity in commemorative productions (1971- 2021)

Abstract: This article presents an analysis of the commemorative productions of the humanitarian organization Médecins Sans Frontières (MSF) in 2021, on the 50th anniversary of its foundation. The sources used were the documentary “Fragments of History” and the podcast “In Other Corners”, both available on the MSF website (www.msf.org.br). In their commemorative speeches, these productions trace a chronological line of the events that have marked the organization's work since it was founded in 1971. The events are presented through narratives that combine experiences with a chronological sequence. The hypothesis presented here is that, at the beginning of the 21st century, the organization experienced a worsening of the problems faced in

¹ Este artigo resulta do projeto de pesquisa intitulado “Ação humanitária em tempos de insensibilidade moral: a atuação da organização Médicos Sem Fronteiras”. O projeto abrangeu quatro sub-projetos de Iniciação Científica: “50 anos da organização Médicos Sem Fronteiras”, “Estratégias de divulgação do sofrimento humano pela organização Médicos Sem Fronteiras”, “O atendimento médico da organização Médicos Sem Fronteiras” e “A política humanitária da organização Médicos Sem Fronteiras”. A pesquisa aqui apresentada foi um trabalho coletivo desenvolvido por pesquisadores de diferentes níveis dentro do Grupo de Pesquisa Cultura, Etnias, Identificações no ano de 2024. O objetivo do trabalho em tela é apresentar parte de seus resultados.

² Doutora em História Cultural, professora associada do Departamento de História da Universidade Estadual do Centro-oeste – UNICENTRO. Email: biaolino@unicentro.br

³ Especialista em Cultura Afro-brasileira, graduada em História, professora da rede estadual de ensino, Paraná. Email: monssao3@gmail.com

humanitarian work and, in response to this situation, produced the documentary and the podcast as part of a strategy to confront this situation of moral insensitivity. In this way, MSF articulated a commemorative discourse with the composition of a historicity for its trajectory, having a specific identity for itself, based on the diversity of its members and the denunciation of situations of human suffering, legitimizing its work and seeking public awareness.

Keywords: biopolitics; identifications; historicity; History of diseases.

Introdução

Sintoma de uma tendência de historicização imediata do presente, que reconhecemos como um traço de época.⁴

A organização humanitária Médicos Sem Fronteiras (MSF) foi criada em 1971, na França, por um grupo de médicos e jornalistas que haviam atuado como voluntários na Nigéria, durante a Guerra de Biafra, ao final dos anos 60.⁵ Desde o seu início, a MSF delineou três eixos de atuação: o atendimento médico, o auxílio humanitário e a divulgação/sensibilização coletiva. Segundo o site da organização:

Enquanto socorriam vítimas em meio a uma guerra civil brutal, os profissionais perceberam as limitações da ajuda humanitária internacional: a dificuldade de acesso ao local e os entraves burocráticos e políticos que faziam com que muitos se calassem, ainda que diante de situações gritantes. MSF surge, então, como uma organização humanitária que associa ajuda médica e sensibilização do público sobre o sofrimento de seus pacientes, dando visibilidade a realidades que não podem permanecer negligenciadas. **Em 1999, MSF recebeu o prêmio Nobel da Paz.**⁶

Nessa apresentação da Organização, destacam-se os três momentos

⁴ HARTOG, François. *Regimes de Historicidade*: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p. 247.

⁵ Esse conflito foi denunciado internacionalmente pelo uso da fome como arma de guerra por parte do governo da Nigéria contra os separatistas da República de Biafra, território do país que buscava autonomia: “A República de Biafra foi uma pequena nação africana que existiu por só 31 meses, a partir de maio de 1967. (Suas) ambições separatistas levaram a uma guerra civil que virou uma das maiores tragédias humanitárias da história recente da África. Entre 1967 e 1970, a luta pela independência desse território no sudeste da Nigéria - com 71 mil km² e 18 milhões de habitantes - resultou na morte de mais de 1 milhão de pessoas, a maioria delas vítimas da fome, por conta de um bloqueio estatal que impediu o acesso de alimentos e medicamentos à região. Até que, em 1970, Biafra acabou reincorporada à Nigéria.” (BBC, 2017). Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-39919926>. Acesso: 08 ago. 2024.

⁶ MSF, s. d. (negrito original). Disponível em: <https://www.msf.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 7 mar. 2025.

fundamentais de sua trajetória, a saber: sua fundação, a definição dos eixos de atuação e o recebimento do Prêmio Nobel da Paz em 1999. Este último consolidou o reconhecimento internacional do MSF, marcando uma reorganização de sua atuação e estabelecendo um marco memorial, o qual é frequentemente citado em suas publicações. Seguindo a definição dessas frentes de atuação, este artigo busca problematizar os discursos comemorativos da organização, interpretando-os como estratégias de enfrentamento dos dilemas e desafios enfrentados por sua ação humanitária nos primeiros anos do século XXI.

Foram analisadas fontes de diversos suportes - audiovisuais, escritas e imagéticas – produzidas pela Organização em tela. O conceito de biopolítica demonstrou ser um instrumento fundante da reflexão crítica sobre as estratégias de promoção da dignidade para a vida humana e de respeito aos direitos humanos desenvolvidas por MSF. Michel Foucault, enfatizava as relações de poder que envolvem o controle e a regulação da vida das populações nos seguintes termos:

Se o genocídio é, de fato, o sonho dos poderes modernos, não é por uma volta, atualmente, ao velho direito de matar; mas é porque o poder se situa e exerce ao nível da vida, da espécie, da raça e dos fenômenos maciços de população.⁷

Nesse sentido, a biopolítica emerge como um conjunto de mecanismos pelos quais o poder moderno gerencia a vida em sociedade, buscando otimizar a saúde, a produtividade e o bem-estar, mas, ao mesmo tempo, estabelece normas e práticas que regulam corpos e populações. A biopolítica, para o autor, possuía um duplo sentido, era um poder de vida e, também, um poder de morte: “O direito que é formulado como ‘de vida e morte’ é, de fato, o direito de causar a morte ou *deixar viver*”⁸ as formas de normalização desse poder de morte, o racismo se configura como uma das mais significativas, pois realiza um corte que divide a humanidade e define quem será deixado para morrer. Acompanhando o autor:

⁷ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: vontade saber*. 12 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1997, p. 129.

⁸ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: vontade saber*. 12 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1997, p. 128. *Itálico no original.*

É claro que por tirar a vida não entendo simplesmente o assassinio direto, mas tudo o que pode ser assassinio indireto: o fato de expor à morte, de multiplicar para algum risco de morte ou, pura e simplesmente, a morte política, a expulsão, a rejeição, etc.⁹

Ao debruçar-se em diferentes e extensos suportes documentais produzidos por MSF, nesse artigo delimitamos a abordagem apenas a dois conjuntos de produtos audiovisuais. O primeiro, o documentário “Fragmentos de História” (2021), produzido pela MSF quando de seus 50 anos de atividade, e o segundo, as narrativas de experiências dos profissionais de MSF publicadas no *podcast* “Em outros cantos”, produzido entre 2018 e 2019. Para ambos foram realizadas uma “assistência sistemática e repetida” e a identificação dos seus elementos narrativos e de sentidos a serem aqui abordados. Para essa análise, compreendeu-se que as fontes audiovisuais são constituídas na tensão entre “impressão e testemunho, intervenção estética e registro documental.”¹⁰

Nesse sentido, a análise do documentário “Fragmentos de História” permitiu compreender as formas pelas quais a sua narrativa fílmica estabeleceu aspectos fulcrais de uma identidade para MSF, através das opções técnico-estéticas dos planos e das sequências, que se desenvolvem em uma temporalidade cronológica, bem como da apresentação das formas de atuação, dos protagonistas e das provações enfrentadas pela Organização. Para o eixo de análise do *podcast* “Em Outros Cantos” foram abordadas as experiências dos profissionais brasileiros de MSF, narradas por eles mesmos. Tais depoimentos foram analisados tanto como testemunhos, em uma “economia midiática”¹¹, quanto narrativas de urgência, pois nesses o narrador “se localiza em espaços onde as estruturas de normalidade social encontram-se em desintegração.”¹²

A integração da análise desses dois *corpus* documentais foi articulada pelo

⁹ FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 306.

¹⁰ NAPOLITANO, Marcos. *Fontes audiovisuais*: a história depois do papel. In: PINSKI, Carla et al. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 237.

¹¹ HARTOG, François. *Evidência da história*: o que os historiadores veem. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2011, p. 239.

¹² SILVA, Wilton S. L. Espelho de Palavras: escrita de si, autoetnografia e ego-história. In: AVELAR, A.; SCHMIDT, B. B. *Grafia de vida*: reflexões e experiências com escrita biográfica. São Paulo: Letra e Voz, 2012, p. 41.

conceito de identidade narrativa, compreendida como: “construída a partir do conjunto de histórias que um indivíduo ou uma comunidade conta sobre si mesmo, não é uma identidade estável.”¹³ Essa flexibilidade das âncoras identitárias no discurso de MSF sobre si pode ser percebida ao comparar os *slogans* das comemorações dos 40 anos da organização, em 2011, com os de 2021. Em 2011, o *slogan* era “40 anos de independência”, marcando a autonomia diante dos conflitos políticos locais e globais, nos quais atuavam e buscavam manter sua independência. Em 2021, o *slogan* passou a ser “50 anos dedicados à humanidade”, reforçando a percepção das comemorações de aniversário de MSF como um momento estratégico para demarcar sua posição na atualidade. Tais construções discursivas presentes nas fontes analisadas evidenciaram o uso estratégico das produções comemorativas pela MSF, que desempenharam um papel crucial no enfrentamento e na sensibilização diante das crises humanitárias em que a Organização atuava naquele momento.

“Fragmentos da História”: discursos comemorativos da MSF e historicidade

Em 2011, comemorando 40 anos de existência, o MSF buscou publicizar a intensificação da violência que vivenciavam suas equipes em campo¹⁴, bem como apontou para a dificuldade em classificar essa violência.¹⁵ Quando dos seus 50 anos, a opção foi denunciar a ampliação da insensibilidade, fazendo para isso uma apresentação de sua trajetória histórica. Se insere aí a série documental “Fragmentos de História: 50 anos MSF”¹⁶, que buscou constituir um sentido histórico, uma identidade de MSF pela diferença de sua atuação, em uma perspectiva de caminhada linear, um movimento no tempo.

¹³ BONA, Aldo N. *História, verdade e ética*: Paul Ricoeur e a epistemologia da história. Guarapuava: UNICENTRO, 2012, p. 187.

¹⁴ MSF, 50 anos no ar – Ep. 01 | 1ª temp: Meio século de caminhada. s. I, MSF, 2021. 1 vídeo (26:05). Publicado pelo MSF. Disponível em: <https://50anos.msf.org.br/>. Acesso em: 9 mar. 2025. (Trecho 18min47s).

¹⁵ MSF, 50 anos no ar – Ep. 01 | 1ª temp: Meio século de caminhada. s. I, MSF, 2021. 1 vídeo (26:05). Publicado pelo MSF. Disponível em: <https://50anos.msf.org.br/>. Acesso em: 9 mar. 2025. (Trecho 18min54s).

¹⁶ MSF, 2011. Disponível em: [www.http:50anos.msf.org.br](http://50anos.msf.org.br). Acesso: 01 out. 2024.

“Fragmentos da História” é um documentário que apresenta os MSF explorando sua história, princípios e as suas várias missões humanitárias ao redor do mundo. Como afirmamos anteriormente, foi produzido por essa organização na ocasião das comemorações do seu aniversário de 50 anos e é constituído por quatro episódios que estão disponíveis no seu site.¹⁷ Na obra, MSF constrói uma cronologia para a sua trajetória de atuação humanitária apresentando balizas temporais através de acontecimentos destacados pela narrativa. A obra apresenta uma discursividade que construiu regimes de historicidade e memórias coletivas para MSF, com todos os episódios iniciando com uma retrospectiva do momento de sua fundação.

Destaca-se que nos quatro episódios da série são apresentados diferentes aspectos das operações da MSF, oferecendo um conjunto discursivo que explica como a organização construiu sua identidade por meio de suas formas de atuação. A análise considerou a narração em áudio, as legendas exibidas, a composição das imagens e a seleção de eventos escolhidos como marcos cronológicos da trajetória da organização. Esse documentário não apenas traz sentidos históricos, mas também fornece informações relevantes sobre a atuação da MSF, justificando a comemoração como uma forma de relembrar sua trajetória.

O primeiro episódio, intitulado “50 anos em zonas de conflito”, narra a origem da MSF, decorrente da necessidade urgente de uma organização capaz de oferecer cuidados em crises humanitárias, superando fronteiras políticas e sem a interferência de governos. O episódio destaca os valores fundamentais da MSF, como sua postura independente e imparcial, que permitiram à organização atuar em zonas de conflito e fornecer assistência “onde outros não conseguem”.¹⁸ Além disso, também é enfatizada a importância da MSF em denunciar abusos dos direitos humanos e chamar atenção para crises negligenciadas. A capacidade da organização de relatar as condições nas áreas de conflito torna-se uma parte essencial de sua missão. O documentário apresenta missões em diversas regiões

¹⁷ Disponível em: <https://50anos.msf.org.br/>. Acesso em: 9 mar. 2025.

¹⁸ MSF, 50 anos no ar – Ep. 01 | 1ª temp: Meio século de caminhada. s. l, MSF, 2021. 1 vídeo (26:05). Publicado pelo MSF. Disponível em: <https://50anos.msf.org.br/>. Acesso em: 9 mar. 2025. (Trecho 47min.).

afetadas por conflitos ao longo dos anos, como no Afeganistão em 1980, na Somália em 1991, em Ruanda em 1994 e na Síria a partir de 2011. A narrativa se desenrola mostrando os perigos e os limites enfrentados pelos membros da organização em cada um desses contextos, ao mesmo tempo que destaca o comprometimento da MSF com sua independência, o que frequentemente posicionou seus profissionais em situações de crise para “manter a confiança das comunidades atendidas”.¹⁹ Destaca-se o impacto das operações da organização na vida humana, tanto na acessibilidade do atendimento médico, quanto na sensibilidade do mundo sobre crises e a opinião pública. O episódio discorre sobre desafios futuros para a MSF, com a gravidade dos conflitos modernos e a demanda de financiamento e apoio internacional.²⁰

O segundo episódio de “Fragmentos da História” tem como subtítulo “50 anos atuando em desastres naturais”²¹ e aborda os desastres naturais e questões que envolvem a saúde pública, destacando o trabalho rápido e capacitado da organização, que arrecada recursos para enfrentar essas crises. São lembrados terremotos, tsunamis e furacões que afetaram populações, como nos casos do terremoto no Haiti no ano de 2010, bem como o tsunami no sudeste Asiático em 2004. Desse modo a organização “é conhecida por sua capacidade de responder rápido e disponibilizando suprimentos vitais e equipes médicas para essas áreas destruídas em questão de horas após os desastres”²². Além da rapidez e o controle das operações, é destacado o impacto duradouro da atuação da MSF em cenários de guerras ou desastres naturais, evidenciando o apoio à recuperação a longo prazo, ajudando as comunidades a reconstruírem suas vidas e a se prepararem

¹⁹ MSF, 50 anos no ar - Ep.01 | 1ª temp: Meio século de caminhada. s. I, MSF, 2021. 1 vídeo (26:05). Publicado pelo MSF. Disponível em: <https://50anos.msf.org.br/>. Acesso em: 9 mar. 2025. (Trecho 3min-4min22s).

²⁰ MSF, 50 anos no ar – Ep. 01 | 1ª temp: Meio século de caminhada. s. I, MSF, 2021. 1 vídeo (26:05). Publicado pelo MSF. Disponível em: <https://50anos.msf.org.br/>. Acesso em: 9 mar. 2025. (Trecho 3min-4min22s).

²¹ MSF, 50 anos no ar – Ep. 02 | 1ª temp: Pessoas em movimento. s. I, MSF, 2021. 1 vídeo (40:34). Publicado pelo MSF. Disponível em: <https://50anos.msf.org.br/>. Acesso em: 9 mar. 2025. (Trecho 17min).

²² MSF, 50 anos no ar – Ep. 02 | 1ª temp: Pessoas em movimento. s. I, MSF, 2021. 1 vídeo (40:34). Publicado pelo MSF. Disponível em: <https://50anos.msf.org.br/>. Acesso em: 9 mar. 2025. (Trecho 16min13s-17min15s).

para futuras crises

O terceiro episódio, intitulado “50 anos dedicados às populações”, retoma o trabalho de MSF em crises humanitárias, focalizando suas intervenções de longo prazo. Nele, são abordadas as atuações da organização em países como Somália, Iêmen, Nigéria e Chade, onde a fragilidade, os conflitos e o deslocamento em massa de pessoas persistem ao longo dos 50 anos de atuação.²³ Nessas áreas, o MSF enfrenta “o obstáculo de equilibrar a resposta rápida a emergência com a função de promover a adaptação e sustentabilidade a longo prazo das comunidades afetadas”²⁴. Em relação ao atendimento em campos de refugiados e áreas de deslocamento interno, é destacado o apoio psicológico a essas populações. O apoio psicológico se estende aos membros da organização que se destacam como importantes para o sucesso e o impacto das operações em crises permanentes.

No caso da Somália, onde MSF atuava desde 1991, o documentário aponta como descobriu que a ajuda humanitária poderia ser usada como “um instrumento de morte e opressão”²⁵ em meio ou do fechamento de fronteiras ou da deportação em massa da população local. Logo que a organização tomou conhecimento dessa situação, a denunciou, expondo as deportações forçadas em massa que eram realizadas pelo próprio governo. Com isso, os profissionais que lá atuavam foram alvos de ataques violentos e assassinatos em um ambiente no qual “grupos armados e líderes civis cada vez mais suportam, toleram ou compactuam com assassinatos, assaltos e sequestros de profissionais de ajuda humanitária”²⁶ e, logo

²³ MSF, 50 anos no ar – Ep. 03 | 1ª temp: Epidemias e pandemia. s. I, MSF, 2021. 1 vídeo (41:35). Publicado pelo MSF. Disponível em: <https://50anos.msf.org.br/>. Acesso em: 9 mar. 2025. (Trecho 6min12s-7min18s).

²⁴ MSF, 50 anos no ar – Ep. 03 | 1ª temp: Epidemias e pandemia. s. I, MSF, 2021. 1 vídeo (41:35). Publicado pelo MSF. Disponível em: <https://50anos.msf.org.br/>. Acesso em: 9 mar. 2025. (Trecho 1min:22s – 1min:30s).

²⁵ MSF, 50 anos no ar – Ep. 03 | 1ª temp: Epidemias e pandemia. s. I, MSF, 2021. 1 vídeo (41:35). Publicado pelo MSF. Disponível em: <https://50anos.msf.org.br/>. Acesso em: 9 mar. 2025. (Trecho 26min:02s).

²⁶ Sobre a atuação de MSF na Somália ver também: <https://www.msf.org.br/noticias/msf-e-obrigada-encerrar-todos-os-programas-medicos-na-somalia/> Acesso: Acesso em: 9 mar. 2025.

após, MSF foi expulsa do país.²⁷

O quarto e último episódio uma visão mais específica das atuações médicas de MSF é apresentada, algumas desafiadoras e críticas, dando ênfase ao trabalho de “50 anos dedicados a medicina humanitária”, apontado em seu subtítulo. Logo ao início, é afirmado: “desde que foi fundada, MSF tem como objetivo fazer que, aqueles que não tem acesso a cuidados de saúde, possam se beneficiar dos avanços da medicina.”²⁸ Destacam-se também o trabalho em crises de saúde pública, como na luta contra o surto do Ebola na África Ocidental, onde desenvolveu “um papel importante no comando da epidemia e no tratamento dos doentes.”²⁹

Após, definem-se os problemas éticos e biopolíticos que os profissionais do enfrentam frequentemente, que envolvem a alocação de recursos limitados, a operação em ambientes onde a segurança frequentemente ameaçada. Através da apresentação de narrativas de testemunho de médicos e profissionais, o documentário busca demonstrar uma perspectiva emocional sobre o impacto desse trabalho³⁰. O episódio também dá ênfase à importância das parcerias e colaboração da organização com outras ONGs, a comunidade internacional e governos locais, fundamentais para garantir a ação e o sucesso das operações da MSF. A renovação também se destaca com a organização sempre adaptando suas práticas médicas e lógicas para argumentar de forma eficiente as necessidades de cada crise. O episódio aborda o impacto de longa duração das manifestações da MSF nos países atendidos que, além de salvar vidas e tratar doenças, “ajuda a refazer a confiança das populações em crises e a recuperar sistemas de saúde que muitas vezes são

²⁷ MSF, 50 anos no ar - Ep.03 | 1ª temp: Epidemias e pandemia. s. I, MSF, 2021. 1 vídeo (41:35). Publicado pelo MSF. Disponível em: <https://50anos.msf.org.br/>. Acesso em: 9 mar. 2025. (Trecho 26min:20s).

²⁸ MSF, 50 anos no ar – Ep. 04 | 1ª temp: Zonas de conflito. s. I, MSF, 2021. 1 vídeo (34:27). Publicado pelo MSF. Disponível em: <https://50anos.msf.org.br/>. Acesso em: 9 mar. 2025. (Trecho 1min:00s).

²⁹ MSF, 50 anos no ar – Ep. 04 | 1ª temp: Zonas de conflito. s. I, MSF, 2021. 1 vídeo (34:27). Publicado pelo MSF. Disponível em: <https://50anos.msf.org.br/>. Acesso em: 9 mar. 2025. (Trecho 17min:38s - 19min:30s).

³⁰ MSF, 50 anos no ar – Ep. 04 | 1ª temp: Zonas de conflito. s. I, MSF, 2021. 1 vídeo (34:27). Publicado pelo MSF. Disponível em: <https://50anos.msf.org.br/>. Acesso em: 9 mar. 2025. (Trecho 23min:00s - 26min:02 s).

destruídos por desastres ou conflitos.”³¹

Saindo de seu aspecto específico e passando à composição geral dos quatro episódios, percebe-se que há um momento fundador constantemente repetido e revisitado. Assim, antes mesmo do título do primeiro episódio, o áudio informa “Desde então (da sua fundação), a organização adota a abordagem de medicina humanitária. Atuando em conflitos e catástrofes naturais assistindo populações.”³² Definida a essência do trabalho dessa organização, o documentário retorna para Biafra no ano de 1971, quando jornalistas e médicos franceses atuaram juntos buscando auxiliar a população da região submetida a fome extrema. Em seguida são expostas fotos em preto e branco de uma reunião entre vários homens brancos em uma sala em território francês.³³ Essa dualidade esboçada logo ao início do filme, a saber, homens brancos sujeitos do conhecimento médico atuando sobre corpos negros em sofrimento em lugares distantes³⁴, apesar de ser inerente ao momento inicial da MSF, também será uma questão a ser superada pela organização durante toda a sua trajetória de trabalho, marcada na construção visual pela imagem de um médico negro realizando uma cirurgia.³⁵

Outra característica presente na produção é a linha do tempo, que se estende da esquerda para a direita na parte superior da imagem, destacando as datas e locais de atuação mais significativos para caracterizar a trajetória da organização ao longo dessas cinco décadas. A linha do tempo inclui marcos como: “1967 - Guerra de Biafra”, “1971 - Criação da MSF”, “1976 - 1º Projeto de Cirurgia em Zona de Conflito (Líbano)”, e “1980 - Primeira Atuação da MSF no

³¹ MSF, 50 anos no ar – Ep. 04 | 1ª temp: Zonas de conflito. s. I, MSF, 2021. 1 vídeo (34:27). Publicado pelo MSF. Disponível em: <https://50anos.msf.org.br/>. Acesso em: 9 mar. 2025. (Trecho 26min:11s).

³² MSF, 50 anos no ar – Ep. 01 | 1ª temp: Meio século de caminhada. s. I, MSF, 2021. 1 vídeo (26:05). Publicado pelo MSF. Disponível em: <https://50anos.msf.org.br/>. Acesso em: 9 mar. 2025. (Trecho 26s – 28s).

³³ MSF, 50 anos no ar – Ep. 01 | 1ª temp: Meio século de caminhada. s. I, MSF, 2021. 1 vídeo (26:05). Publicado pelo MSF. Disponível em: <https://50anos.msf.org.br/>. Acesso em: 9 mar. 2025. (Trecho 1min-12s).

³⁴ Ver: Sontag, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

³⁵ MSF, 50 anos no ar – Ep. 01 | 1ª temp: Meio século de caminhada. s. I, MSF, 2021. 1 vídeo (26:05). Publicado pelo MSF. Disponível em: <https://50anos.msf.org.br/>. Acesso em: 9 mar. 2025. (Trecho 1min-26s).

Afeganistão”.³⁶ Todas as datas e eventos são apresentados com imagens, e aqueles destacados em caixa alta recebem uma narração mais pausada. Nas imagens e na edição de fragmentos de entrevistas - tanto com profissionais da organização quanto com as pessoas atendidas - é enfatizado que, além de fornecer assistência, a MSF também treina profissionais locais na forma de atuação humanitária. Ao longo dos anos narrados no filme, os profissionais de saúde que aparecem em ação refletem um horizonte cada vez mais multicultural e étnico, incluindo homens e mulheres não brancos ou não ocidentais. Embora os brancos não desapareçam, busca-se destacar a diversidade humana no trabalho humanitário, apresentando tanto os trabalhadores quanto os pacientes como protagonistas, sentido este construído através de imagens que reforçam a identidade única da MSF, sublinhando seu compromisso com a inclusão e a pluralidade em suas missões.

Acompanhando os episódios, percebe-se o trabalho com a memória para construir um sentido de pertencimento e coesão grupal, bem como o engendramento de uma historicidade para a atuação de MSF. Dessa forma, para realização da análise de seus discursos comemorativos, este artigo dialoga com as categorias horizonte de expectativa e espaço de experiência de Reinhart Koselleck:

[...] experiência e expectativa são duas categorias adequadas para nos ocuparmos com o tempo histórico, pois que elas entrelaçam passado e futuro. São adequadas também para se tentar descobrir o tempo histórico, pois, enriquecidas em seu conteúdo, elas dirigem as ações concretas no movimento social e político.³⁷

No documentário, MSF articula uma linha do tempo que expande os eventos cronologicamente, conectando discursivamente experiências passadas e presentes para construir expectativas de futuro. No seu conjunto, a narrativa fílmica parece convocar a uma atuação no presente para evitar a catástrofe que se desenha no futuro. Tal trajetória da narração poderia ser compreendida como uma

³⁶ MSF, 50 anos no ar – Ep. 01 | 1ª temp: Meio século de caminhada. s. l, MSF, 2021. 1 vídeo (26:05). Publicado pelo MSF. Disponível em: <https://50anos.msf.org.br/>. Acesso em: 9 mar. 2025. (Trecho 1min:40s -1min46s).

³⁷ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC, 2006., p. 308.

articulação entre diferentes regimes de historicidade, pois que, o local de agir é o presente, porém, não em nome de um futuro idealizado de progresso, apenas uma ação de gerenciamento de riscos, para minimizar a catástrofe que se anuncia.

Compreende-se então que ao contrário da diminuição do espaço de experiência em nome do horizonte de expectativa – como se daria na articulação do tempo histórico na concepção moderna de história (Geschicht) -, aqui há uma discursividade sobre um amplo espaço de experiência da Organização (lembrando a História Mestra da Vida). Porém, dessa experiência o presente não reteve ensinamentos; o presente é a repetição da catástrofe com novos nomes, não há progresso, apenas gerenciamento para minimizar o sofrimento. A convocação para atuar no presente em nome do futuro, parece limitar-se a isso, uma contenção de danos para uma catástrofe anunciada, um futuro ameaçador³⁸, como na hipótese presentista de Hartog,³⁹ pois que, um regime de historicidade é “uma maneira de engrenar passado, presente e futuro ou de compor um misto das três categorias, (...).”⁴⁰ O destaque para a ação humanitária de MSF como gerenciamento de crise, controle de danos, da qual é excluída qualquer utopia, reforça novamente a percepção do humanitarismo de MSF como uma biopolítica, porém como ver-se-á a seguir, não somente.

Para além dessas reflexões, pode-se inferir que a construção de uma trajetória histórica para a organização no documentário também delimita subjetividades para os agentes envolvidos no atendimento. Lá, eles são apresentados como médicos, profissionais de logística e membros da população dos locais atendidos, os quais enfrentam desafios urgentes e, na urgência, são construídos sentidos para si mesmos e para a Organização.

Destacam-se nesses sentidos o abandono da noção de neutralidade na ajuda humanitária, pois, desde 1996, a MSF introduziu novos critérios para sua

³⁸ HARTOG, François. *Regimes de historicidade*: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2015.p.250.

³⁹ HARTOG, François. *Regimes de historicidade*: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2015, p. 11

⁴⁰ HARTOG, François. *Regimes de historicidade*: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2015, p. 11.

atuação.⁴¹ Foi a partir do genocídio Tutsi, ocorrido em 1994 em Ruanda, que a Organização solicitou uma intervenção armada internacional para impedir a ocorrência do massacre. Abandonava ali a ideia de neutralidade e reforçava seu viés de denúncia da violência e abandono sofridos pelas populações. Em 2021, nas comemorações de 50 anos, MSF denunciou a expansão da insensibilidade na contemporaneidade, lembrando a análise sobre a adiaforização das condutas, mapeada por Zygmund Bauman, que expôs a exclusão da avaliação moral sobre as condutas humanas durante a modernidade líquida.⁴² A atuação de MSF configura-se como uma resistência ativa no presente a esse comportamento.

Outra âncora identitária da Organização é a sua profissionalização. Essa foi um processo desenvolvido a duras penas durante os anos 80 e 90 do século XX, segundo o destacado na linha do tempo que conduz a narrativa do documentário, que considera: “Ao longo dos anos 80 e 90 MSF se profissionaliza e intervém em diferentes conflitos.”⁴³ Nesse período, as equipes também se tornam vítimas dos conflitos. A cronologia da narrativa faz uma pausa nesses momentos para homenagear os membros da organização que faleceram.

Em relação aos anos 90, o documentário destaca o retorno das guerras à Europa é descrito, especialmente os conflitos entre as nações que compunham a ex-Iugoslávia⁴⁴. Novamente, as imagens de MSF buscam eliminar qualquer vestígio de colonialidade em sua atuação, evitando destacar qualquer diferença racializada entre os profissionais médicos e seus pacientes, já que, neste caso, a população em sofrimento é europeia e branca. Nesse contexto, surge uma crítica

⁴¹ MSF, 50 anos no ar – Ep. 01 | 1ª temp: Meio século de caminhada. s. I, MSF, 2021. 1 vídeo (26:05). Publicado pelo MSF. Disponível em: <https://50anos.msf.org.br/>. Acesso em: 9 mar. 2025. (Trecho: 11:31-11:58 min.). No documentário, o genocídio dos Tutsi é apresentado como um divisor da atuação humanitária e do direito internacional sobre crimes contra humanidade através da fundação do Tribunal Penal Internacional, em 1998, e da Doutrina da Responsabilidade de Proteger (R2P), em 2005. Ver mais em: <https://news.un.org/pt/story/2015/09/1523641>.

⁴² BAUMAN, Zygmund; DONSKIS, Leonidas. *Cegueira Moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

⁴³ MSF, 50 anos no ar – Ep. 01 | 1ª temp: Meio século de caminhada. s. I, MSF, 2021. 1 vídeo (26:05). Publicado pelo MSF. Disponível em: <https://50anos.msf.org.br/>. Acesso em: 9 mar. 2025. (Trecho 2min:56s).

⁴⁴ A Iugoslávia foi criada na década de 1920 e era um estado multiétnico, a partir de 1991 enfrentou guerras de fragmentação do seu território, a partir de 1992 deu origem a diferentes países. Sobre essa questão, ver; MORIN, E. A Europa Unida: entre associação e barbárie. *Revista Lua Nova*, nº 49, p. 197-231, 1999.

aos estados nacionais em geral, com a afirmação de que “a MSF é prejudicada por iniciativas estatais, que, ao apoiar a ajuda humanitária, tentam mascarar a sua incapacidade de pôr fim aos conflitos”.⁴⁵ Essa crítica se repete ao longo dos episódios, direcionada à indolência dos estados nacionais modernos, que se abstêm de cumprir funções essenciais⁴⁶, como preservar a vida, atender a população em risco, garantir a dignidade humana e promover a pacificação interna e externa. Ao fazer isso, tais estados nacionais deixam exposta a morte uma parte da humanidade.

A cronologia dos eventos trágicos segue nos primeiros anos do século XXI, refletindo uma piora nas condições de desenvolvimento das operações humanitárias de MSF, especialmente no atendimento às populações refugiadas e em deslocamento. Isso se deve ao fato de que “os Estados têm aprimorado e implementado um conjunto cada vez maior de medidas restritivas”.⁴⁷ Os agentes humanitários, os hospitais e acampamentos de refugiados passam agora a ser alvos nos conflitos armados. Quando a linha do tempo do documentário chega a 2015, o áudio afirma: “Se MSF é um alvo direto, o que dizer das outras pessoas?”⁴⁸

Trata-se de elementos que retomam as reflexões de Didier Fassin, ex-vice-presidente de MSF entre 1999 e 2003, que considera a ação humanitária uma ação política, nas suas palavras, uma política de vida, em busca de uma nova economia moral⁴⁹. Essa, por sua vez, constitui-se como um contraponto a própria governamentalidade biopolítica dos estados modernos. Em suas palavras: “Esse é

⁴⁵ MSF, 50 anos no ar - Ep.01 | 1ª temp: Meio século de caminhada. s. I, MSF, 2021. 1 vídeo (26:05). Publicado pelo MSF. Disponível em: <https://50anos.msf.org.br/>. Acesso em: 9 mar. 2025. (Trecho 5min:54s).

⁴⁶ Funções essenciais previstas nos acordos internacionais firmados pela ONU, desde o final da II Guerra Mundial, ver: <http://www.acnur.org/>

⁴⁷ DERDERIAN, Katharine; SCHOCKAERT, Liesbeth. Respostas a Fluxos Migratórios Mistos: uma perspectiva humanitária. *SUR: Revista Internacional de Direitos Humanos*. Ano 6, nº 10, São Paulo: junho 2009, p.107- 119. p. 111.

⁴⁸ MSF, 50 anos no ar - Ep.01 | 1ª temp: Meio século de caminhada. s. I, MSF, 2021. 1 vídeo (26:05). Publicado pelo MSF. Disponível em: <https://50anos.msf.org.br/>. Acesso em: 9 mar. 2025. (Trecho 25min:55s).

⁴⁹ FASSIN, Didier. *Por uma repolitización del mundo: las vidas descartables como desafío del siglo XXI*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2018.p.169.

o grande impasse do intolerável contemporâneo: a economia moral está profundamente dissociada da economia política.”⁵⁰

Observa-se que a pergunta biopolítica sobre quais vidas devem ser promovidas e quais vidas podem ser deixadas para morrer, ou seja, o “corte entre o que deve viver e o que deve morrer”⁵¹, parece ter adquirido uma visibilidade extrema nesse cotidiano do trabalho humanitário de MSF, bem como indica uma insuficiência da noção de biopoder na análise da violência e da exposição à morte contemporâneas.

Essa fragmentação do contínuo biológico da vida humana, que define quais vidas são descartáveis, é base da noção de necropolítica desenvolvida por Achille Mbembe⁵², a qual oferece um caminho para avançar na análise ao destacar como os estados não só regulam vidas, mas fragmentam territórios e o movimento das populações, impõem uma soberania colonial vertical e proliferam espaços de violência (microestados de exceção?).

Assim, determinam quem tem o direito existir e quem pode ser abandonado à morte, ampliando a compreensão das dinâmicas de violência contra as quais atua MSF.

Por entre tragédias humanas, eventos climáticos e guerras infinitas e por vezes invisíveis; a narrativa do documentário vai desfazendo uma autoafirmada ingenuidade inicial da Organização, findando com as esperanças de períodos mais pacíficos e transformando os agentes de MSF em testemunhas do caos humano. Após ter sido agraciada com o prêmio Nobel da Paz em 1999, a MSF intensificou suas manifestações públicas e a cobrança da atuação dos organismos internacionais, dos estados e mesmo da imprensa.⁵³

⁵⁰ FASSIN, Didier. *Por uma repolitización del mundo: las vidas descartables como desafio del siglo XXI*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2018.p.169.

⁵¹ FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)* São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 304.

⁵² MBEMBE, A. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo: n. 1, 2018. p. 43-46.

⁵³ MSF, 50 anos no ar - Ep.01 | 1ª temp: Meio século de caminhada. s. I, MSF, 2021. 1 vídeo (26:05). Publicado pelo MSF. Disponível em: <https://50anos.msf.org.br/>. Acesso em: 9 mar. 2025. (Trecho 13min:26s).

A intenção de contar uma trajetória coletivamente, por meio de um filme documentário, traz também o conforto da estabilização de uma memória e de um pertencimento. Em relação a esse conceito, Myrian Sepúlveda dos Santos⁵⁴ afirma que: “A memória, percepção do agora que se situa entre o presente e o passado, seria a forma de experiência que tornaria possível a ação individual responsável, aquela que tem por finalidade a defesa do bem comum.” Nesse contexto, o documentário da MSF funcionou como um monumento na construção dessa memória, reforçando a importância de sua missão humanitária e o compromisso com o bem comum. Mariza Soares e Jorge Ferreira, ao discutirem a memória nacional através do cinema, destacam que a produção de um filme é um projeto coletivo que pode “monumentalizar certos acontecimentos.”⁵⁵

Partindo, assim, da narrativa audiovisual das experiências vividas, da cronologia rigorosa da trajetória da Organização, o documentário se constrói como um lugar de memória para MSF. Porém, os lugares de memória, segundo Pierre Nora, só nascem:

e vivem do sentimento que não há memória espontânea que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. (...) Sem vigilância comemorativa, a história deprime os varreria.⁵⁶

“Fragmentos de História” pode ser entendido então como um documento/monumento.⁵⁷ É um documentário sobre o trabalho de resistência contemporânea à adiaforização das condutas, uma insensibilidade moral que denota “um tipo de comportamento empedernido, desumano e implacável, ou apenas imperturbável e indiferente, assumido e manifestado em relação aos

⁵⁴ SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *Memória Coletiva e teoria social*. São Paulo: Annablume, 2003. p.20.

⁵⁵ SOARES, Mariza C.; FERREIRA, Jorge (org.) *A História vai ao cinema: 20 filmes brasileiros comentados por historiadores*, Rio de Janeiro: Zahar, p.12.

⁵⁶ NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo: (10), dez 1993. p.13.

⁵⁷ Sobre o conceito de documento/monumento ver: LE GOFF, Jacques. *História e Memória* 7 ed. Campinas: UNICAMP, 2013.

problemas e atribuições de outras pessoas”.⁵⁸ É também um lugar de monumentalização da memória de MSF, para iluminar, recordar, ensinar e estabelecer sentidos políticos para uma organização de ajuda humanitária nesse contexto de insensibilidade moral ao início do século XXI.

“Em outros cantos”: testemunhas, urgência e experiência profissional

Dentro desse contexto de atuação historicizada pelo documentário, é possível compreender como a inclusão da divulgação do sofrimento humano de seus pacientes faz parte de uma estratégia de (re)sensibilização promovida por MSF, um pressuposto fundamental de sua atuação humanitária. Ao ir além do simples atendimento, a organização busca dar visibilidade ao sofrimento humano, visando comover o público, retirá-lo de um *locus* anestesiado para com a dor alheia. Isso ocorre em um momento histórico no qual o individualismo parece se exacerbar nos domínios da modernidade e colonialidade ocidental, em que as dinâmicas de exclusão e indiferença se intensificam, tornando ainda mais urgente a necessidade de uma intervenção que, além de cuidar, denuncie e mobilize a solidariedade global. Voltando a François Hartog, lembra-se a sua reflexão sobre os diferentes papéis sociais da testemunha e do historiador. O autor, destaca que no final do século XX, o testemunho foi essencial nos processos relacionados com crimes contra a humanidade. O testemunho, segundo ele, oferece sentido para a experiência e para a vida. No entanto, Hartog também questiona o lugar do testemunho na história e se estamos vivendo, como já dito anteriormente, em uma “economia midiática” que funciona com base na figura da testemunha.⁵⁹ É nesse contexto que se compreende o *podcast*⁶⁰ intitulado “Em outros cantos”, também

⁵⁸ BAUMAN, Zygmund; DONSKIS, Leonidas. *Cegueira Moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p.20.

⁵⁹ HARTOG, François. *Evidência da história: o que os historiadores veem*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2011., p. 209.

⁶⁰ Um *podcast* é um produto cultural formatado como conteúdo de áudio e que se pode ouvir quando quiser, inclusive “baixar” no seu dispositivo digital. Em geral estão disponíveis em diversas plataformas e são mais acessíveis do que outros formatos por usarem menos dados de internet. Ver: RODRIGUES, Icles. Usos pedagógicos para Youtube e Podcasts. In: PINSKY, J.; PINSKY, C. (org.) *Novos Combates pela História: desafios - ensino*. São Paulo: Contexto, 2021. p. 178.

produzido pela MSF. O programa é composto por dezoito episódios, divididos em duas temporadas, lançadas a partir do final de 2018 e durante 2019 e que estão disponíveis no site da organização, no *Youtube* e no *Spotify*.⁶¹

AS narrativas produzidas para esse podcast são de médicos de diversas especialidades, além de outros profissionais, como psicólogos, enfermeiros, administradores e especialistas em recursos humanos, todos com experiências de atuação na MSF. Através desse levantamento dos relatos de experiências foi possível evidenciar o ambiente e as relações interpessoais que permeiam o atendimento. Os relatos levam a percepção de que as atuações de MSF caminham por entre políticas de vida e biopolítica, ambas intrincadas e em constante tensão, o que tem consequências diretas na qualidade e proteção da vida.

Tratando-se dos aspectos formais da pesquisa, os episódios do *podcast* foram fichados e catalogados, como podem ser observados nas Tabelas I e II abaixo. Além disso, destacam-se, no espaço de um artigo, passagens de quatro depoimentos desses profissionais, representativas das narrativas de urgência sobre as dificuldades enfrentadas pelos agentes da organização em seu trabalho de campo e das repostas a elas engendradas.

Tabela I – Primeira temporada do *podcast* “Em Outros Cantos”

1ª temporada	Depoente	Área profissional	Local de Atuação	Ano de Atuação
Episódio 1	Marcos Leitão	Administrador	Pibo/Sudão do Sul	2013
Episódio 2	Karina Teixeira	Recursos Humanos	Bogassola/Chaadi	2016
Episódio 3	Vanessa Cardoso	Psicóloga	Bangui/República Centro Africana	2014
Episódio 4	Lourielthon Gualda	Médico	Malawi	2017
Episódio 5	Mário Braga	Administrador	Bangui/República Centro Africana	2017
Episódio 6	Leticia Nolasco	Psicóloga	“Rendica”/Ucrânia	2015
Episódio 7	William Santos	Enfermeiro	Guiné Bissau/Nigéria	2016/2017
Episódio 8	Denilson Borges	Enfermeiro	Andhra Pradesh/Índia	2015

Fonte: *Podcast* “Em Outros Cantos”, MSF. Tabela construída por Maria Regina Monssão.

⁶¹ Ver: <https://open.spotify.com/show/1tqe29Ej1P4HxkFmKwcBW5>

Tabela II – Segunda temporada do *podcast* “Em Outros Cantos”

2ª Temporada	Depoente	Área profissional	Local de Atuação	Ano de Atuação
Episódio 1	Ana Letícia Nery	Médica	Etiópia	2014
Episódio 2	Nuni Jorgensen	Especialista em Pesquisa	Caracas/Venezuela	2017
Episódio 3	Diogo Galvão	Relações Internacionais	Sudão do Sul	2018
Episódio 4	Aline Calixto	Médica/ginecologista obstetra	Afganistão	2015
Episódio 5	Tamara Jurberg	Promotora de saúde	República Democrática do Congo	2016/2017
Episódio 6	Deborah Duarte	Psicóloga	Quênia	2010/2012
Episódio 7	Samuel Almeida	Coordenador geral adjunto de MSF	Iraque	2017/2018
Episódio 8	Gabriela Roméro	Profissional de Comunicação	Bera/Moçambique	2019
Episódio 9	Iara Czeresnia	Psiquiatra	Serra Leoa/ África Ocidental	2014/2016
Episódio 10	Liliana Andrade	Médica anestesista	Palestina	2010/2014

Fonte: *Podcast* “Em Outros Cantos”, MSF. Tabela construída por Maria Regina Monssão.

O primeiro episódio da 1ª temporada foi lançado em 14 de dezembro de 2018. Nele, o administrador Marcos Leitão compartilha sua experiência em Pibor, no Sudão do Sul, onde esteve em 2013. O trabalho de sua equipe consistia em atender soldados e rebeldes feridos, sem fazer distinção entre eles. Conforme sua fala, “a organização não diferencia soldado ou rebelde; para nós, são todos seres humanos”.⁶² Certa ocasião, uma mulher chegou completamente em estado de choque. O administrador relata que uma enfermeira a cercou imediatamente, impedindo que qualquer pessoa se aproximasse naquele primeiro momento. Ela então disse:

As dores nos pés, no corpo não é nada perto da dor que sente por dentro, então vamos devolver a ela dignidade. Foi aí, que ela cobriu ela com o lençol, levou ela pra tomar banho, deitou ela na cama e só então quando

⁶² EM OUTROS CANTOS – Ep. 01 | 1ª temp: Primeiro vamos devolver a ela dignidade. s. I, MSF, 2018. Podcast (06:10). Publicado pelo MSF. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/2ILAVdUksViyaWagRgoO5I?si=7qN_hz3BQDqmFEhQvLVqAA. Acesso em: 9 mar. 2025. (Trecho 4min:5s).

a mulher estava acolhida que ela permitiu que os médicos cuidassem dos pés dela. Então foi uma experiência muito interessante que eu vivi com os Médicos Sem Fronteiras que as vezes não é aquilo que a gente está vendo e a experiência de uma pessoa dói mais que uma ferida física mesmo (sic)⁶³.

A experiência de Marcos Leitão evidencia que o cuidado vai além dos procedimentos médicos, abrangendo também o conforto, a dignidade e o apoio emocional da pessoa atendida. A partir dessa experiência, podemos afirmar que o cuidado deve transcender as necessidades físicas imediatas, considerando o indivíduo como um todo, respeitando sua dignidade e emoções. O cuidado emocional e psicológico, assim como o físico, são igualmente importantes e devem ser integrados para proporcionar um tratamento humano e eficaz. Para além das feridas visíveis, existe a invisibilidade da dor humana que perpassa o depoimento e essa dor não faria distinções, assim como o atendimento de MSF, segundo o relato.

O terceiro episódio da 1ª temporada é narrado pela psicóloga Vanessa Cardoso, que integrava MSF há oito anos. Em 2014, na capital da República Centro-Africana, Bangui, uma colega profissional de Vanessa atuou por um mês em um projeto de emergência específica para o enfrentamento da violência crescente no país. Durante esse período, um jovem, aproximadamente de 15 anos, chegou ao grupo de apoio no qual ela trabalhou, conforme sua descrição:

Ele abre a porta de lona quando o grupo já estava acontecendo e ao contrário do que ela normalmente haveria feito ela decidiu perguntar quem ele era e se apresentou, falou que grupo era aquele, pediu autorização daquelas mulheres para que ele estivesse ali, para que ele entrasse.⁶⁴

De acordo com Vanessa Cardoso, o jovem relatou que havia chegado ao

⁶³ EM OUTROS CANTOS – Ep. 01 | 1ª temp: Primeiro vamos devolver a ela dignidade. s. I, MSF, 2018. Podcast (06:10). Publicado pelo MSF. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/2ILAVdUksViyaWagRgoO5I?si=7qN_hz3BQDqmFEhQvLVqAA. Acesso em: 9 mar. 2025. (Trecho 5min).

⁶⁴ EM OUTROS CANTOS – Ep. 03 | 1ª temp: Ele tinha a casa dele nas costas dele de alguma maneira. s. I, MSF, 2018. Podcast (11:25). Publicado pelo MSF. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/3WD7ztjndRrYXsDEuraYJg?si=_HvbNM1qRne9Z80fsl_S8A. Acesso em: 9 mar. 2025. (Trecho 08min:24s - 10min:40s).

campo há poucos dias. Tendo sua casa queimada, perdeu todas as pessoas que moravam com ele e testemunhou suas mortes por queimaduras. Para não ser descoberto, fingiu estar morto e conseguiu sair de casa escondido. Sem rumo, seguiu de caminho em caminho até chegar ao local onde o encontro de mulheres estava sendo realizado. Ele estava carregando uma mochila azul, que manteve consigo o tempo todo. Mais tarde, Vanessa descobriu que a mochila continha pedaços de sua antiga casa. Com o apoio das mulheres do grupo, ele começou a se integrar, encontrando conforto e acolhimento, segundo o relato. Ao final do projeto, ele ainda não se separava da mochila. Na despedida, Vanessa perguntou como ele gostaria de se despedir dela, ao que ele respondeu: “estar ali, ou ter estado ali, contigo e com aquela mulheres foi a melhor coisa que poderia ter acontecido depois de tantas perdas depois de testemunhar uma violência incomensurável, assim devastadora mesmo”⁶⁵ Ela conta que se agradeceram sorrindo “com o olho fechadinho de quem tá sorrindo, apesar de tudo o que eu imaginava o menino ia ter que se confrontar dali pra frente, no campo e depois fora do campo (sic).”⁶⁶ Percebe-se, ao relato dessa experiência, que o ato de acolher e mostrar empatia pode fazer diferença na vida de uma pessoa que enfrenta traumas quando se vive em um ambiente de guerra, ao recebê-lo junto com as demais mulheres, elas proporcionaram um espaço seguro para compartilhar sua história e se sentir aceito. Novamente, para além das feridas, o atendimento de MSF é apresentado com um acolhimento, uma empatia entre seres humanos.

A segunda temporada de “Em outros cantos” é composta por 10 episódios. O primeiro narra a história de Ana Letícia Nery, médica da MSF que vivenciou seu momento mais marcante ao chegar em seu primeiro projeto com a organização, na Etiópia. Embora já tivesse trabalhado em projetos da organização em outros

⁶⁵ EM OUTROS CANTOS – Ep. 03 | 1ª temp: Ele tinha a casa dele nas costas dele de alguma maneira. s. I, MSF, 2018. Podcast (11:25). Publicado pelo MSF. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/3WD7ztjndRrYXsDEuraYJg?si=_HvbNM1qRne9Z80fsl_S8A. Acesso em: 9 mar. 2025. (Trecho 08min:24s – 10min:40s).

⁶⁶ EM OUTROS CANTOS – Ep. 03 | 1ª temp: Ele tinha a casa dele nas costas dele de alguma maneira. s. I, MSF, 2018. Podcast (11:25). Publicado pelo MSF. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/3WD7ztjndRrYXsDEuraYJg?si=_HvbNM1qRne9Z80fsl_S8A. Acesso em: 9 mar. 2025. (Trecho 1min. – 11min:25s)

países, foi na Etiópia que teve sua experiência mais impactante até então, enfrentando desafios em condições adversas e tendo que lidar com altas taxas de mortalidade entre crianças desnutridas. A médica relata:

[...] fomos eu e essa mãe até um lugar atrás de um hospital para conseguir dar um enterro digno aquela criança. No outro dia de manhã eu pensei, eu sou médica e olha o que eu estou fazendo aqui, enterrando crianças, fiquei pensando se eu deveria ir embora aí eu lembro que eu conversei com uma parteira, uma obstetriz na verdade, italiana bem mais experiente que eu, já tinha ido pra África muitas vezes e eu contei tudo pra ela o que eu tinha pensado.⁶⁷

Mesmo diante das dificuldades e dúvidas pessoais, junto de sua colega experiente aprendeu a importância de garantir dignidade aos pacientes mesmo em momentos de fracasso e perda. A obstetriz disse a Ana que “quando a gente não consegue curar a gente conforta.”⁶⁸ Esse episódio fez com que ela percebesse que a prática da medicina por MSF vai além do tratamento, incluindo também o cuidado humanizado e reconfortante em circunstâncias severas e solitárias.

As reflexões em torno da biopolítica das populações propostas por Foucault⁶⁹, das políticas de vida e biolegitimação de Fassin⁷⁰, os escritos sobre a cegueira moral na modernidade líquida de Bauman e Donskis⁷¹, bem como a necropolítica de Mbembe⁷² são basilares para a reflexão sobre tais relatos aqui

⁶⁷ EM OUTROS CANTOS – Ep. 01 | 2ª temp: A medicina é mais do que chegar armada de antibióticos. s. I, MSF, 2018. Podcast (05:53). Publicado pelo MSF. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/5FRmNIDnjcpiKVGsb2wXLs?si=5IKaE6_eR3uBtYbLnOpv6A. Acesso em: 9 mar. 2025. (Trecho 3min:28s – 4min).

⁶⁸ EM OUTROS CANTOS – Ep. 01 | 2ª temp: A medicina é mais do que chegar armada de antibióticos. s. I, MSF, 2018. Podcast (05:53). Publicado pelo MSF. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/5FRmNIDnjcpiKVGsb2wXLs?si=5IKaE6_eR3uBtYbLnOpv6A. Acesso em: 9 mar. 2025. (Trecho 5min:15s).

⁶⁹ FOUCAULT, Michel. *O nascimento da Biopolítica*. Lisboa: Edições 70, 2010.

⁷⁰ FASSIN, Didier. Humanitarianism as a politics of life. In: *Public Culture*. Vol.19, Issue 3. Duke University Press, fall 2007, p.499-520.

⁷¹ BAUMAN, Zygmund; DONSKIS, Leonidas. *Cegueira Moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

⁷² MBEMBE, A. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo: n. 1, 2018.

expostos, pois possibilitam compreender como há vidas que são promovidas e há vidas humanas que são descartadas. O trabalho de MSF no atendimento de gestão dessas vidas incorpora, para além do gerir biopolítico, uma política de vida, conforme definida por Fassin, ou seja, um atendimento que prioriza o direito à vida e à saúde, colocando esses direitos acima de questões políticas, raciais, culturais e geográficas.⁷³

A insensibilidade moral é uma condição *sine qua non* para as necropolíticas, Mbembe apresenta que na era da mobilidade global, os estados não mais monopolizam a violência, em vez disso: “Emerge um mosaico de direitos de governar incompletos e sobrepostos, disfarçados e emaranhados, nos quais sobejam instâncias jurídicas de facto geograficamente entrelaçada, (...)”⁷⁴ Os efeitos desse mosaico sobreposto de governanças sobre as vidas descartáveis⁷⁵, podem ser acompanhados no seguinte relato do médico Lourielthon Gualda sobre os imigrantes africanos que tentavam chegar à África do Sul:

Esses prisioneiros eram pessoas da Etiópia e de outros países que tentavam imigrar pra África do Sul e ao passar pelo Malaui sem passaporte sem visto eram presas também e acontecia a mesma coisa, iam pra prisão, infelizmente eram estuprados e acabavam tendo contágio com HIV.⁷⁶

Perpassando esses relatos, ao analisar o trabalho da organização ao longo das décadas, é possível identificar padrões, mudanças e desafios enfrentados. A partir dos relatos de diversos profissionais envolvidos, compartilhados nos *podcasts*, obteve-se uma compreensão mais clara sobre os resultados das ações

⁷³ FASSIN, Didier. Humanitarianism as a politics of life. In: *Public Culture*. Vol.19, Issue 3. Duku University Press, fall 2007, p.499-520.

⁷⁴ MBEMBE, A. *Necropolítica*: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: n. 1, 2018. p 52-53.

⁷⁵ As vidas descartáveis são a forma pela qual a desigualdade humana se encarna nos corpos, a política governa vidas e se exerce sobre os corpos. Ver: FASSIN, Didier. *Por uma repolitización del mundo*: las vidas descartables como desafío del siglo XXI. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2018. p. 17.

⁷⁶ EM OUTROS CANTOS – Ep. 04 | 1ª temp: O pai dele foi o que mais me impressionou. s. I, MSF, 2019. Podcast (07:13). Publicado pelo MSF. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/03c7DGYxanBqG5IDgapLye>. Acesso em: 9 mar. 2025. (Trecho 1min:30s - 1min:48s).

da Organização. Essas ações só foram efetivas graças ao esforço conjunto dos envolvidos, que buscavam trabalhar em colaboração com as comunidades atendidas. A atuação da MSF, focada na garantia do direito à vida e à saúde para todos, envolve equipes multidisciplinares, como afirma Munanga:

Os Médicos Sem Fronteiras e outros profissionais da saúde que atuam nos países não ocidentais, em especial nos países da África subsaariana, entenderam a necessidade e a importância de trabalhar em estreita colaboração com os antropólogos e outros estudiosos especialistas das sociedades onde presta serviços.⁷⁷

O trabalho realizado pela organização ao longo de sua história, conforme narrado por seus profissionais, surge como um ponto de encontro entre indivíduos diversos, profissionais de distintas áreas e tragédias intermináveis, compondo uma trama conflituosa entre biopolítica e a noção de políticas de vida desenvolvida pela organização. Através das narrativas de urgência engendradas pelos testemunhos dos agentes de MSF, surgem ações contínuas de resistência por parte de sujeitos variados contra qualquer forma de adiaforização das condutas humanas. A análise das narrativas apresentados no *podcast* revelou a complexidade dessas dinâmicas e seus impactos nos processos sociais. Dessa forma, destaca-se a importância para a MSF de discutir também o próprio atendimento humanitário, suas características e os desafios enfrentados, a partir de uma análise biopolítica que envolve as discursividades sobre as vidas humanas subjacentes. No entanto, busca-se sempre ir além, propondo novas práticas políticas para as vidas humanas, o que parece caracterizar a atuação da MSF.

Considerações finais

Essas primeiras problematizações sobre o trabalho humanitário e médico de uma instituição não governamental internacional como o MSF surgiram de uma reflexão contemporânea e de um estranhamento ocorrido em 2023, logo após a

⁷⁷ MUNANGA, Kabengele. Saúde e diversidade: edição especial. *Saúde Social*. São Paulo, v.16, nº 2, p. 13-18, 2007. p. 13.

Organização Mundial da Saúde (OMS) ter decretado o fim da emergência global de saúde causada pela pandemia de Covid-19⁷⁸. Naquele contexto, tornou-se pertinente perguntar sobre os limites da empatia humana, da solidariedade, da avaliação moral e autônoma de ações, da governamentalidade e da biopolítica das populações. Afinal, após uma experiência de gerenciamento pandêmico que pressupôs que “a economia prosperasse em cima de um monte de cadáveres.”⁷⁹ A pergunta biopolítica sobre quais vidas devem ser promovidas e quais vidas podem ser deixadas para morrer, ou seja, o “corte entre o que deve viver e o que deve morrer”⁸⁰ parece ter adquirido uma visibilidade extrema.

No entanto, no mesmo dia em que este artigo foi concluído, Volker Türk, Alto Comissário da ONU para os Direitos Humanos, afirmou: “O consenso global sobre direitos humanos está desmoronando sob o peso de autoritários e oligarcas.”⁸¹ A diminuição da legislação internacional sobre os direitos humanos, a insensibilidade moral dos estados nacionais e o silêncio do espaço público diante dessa realidade reforçam a percepção aqui discutida. Ou seja, estamos vivendo um processo de adiaforização das condutas humanas nas primeiras décadas do século XXI, o que possibilitou a expansão das ações necropolíticas na contemporaneidade. Pode-se perceber que MSF foi uma das primeiras organizações a diagnosticar esse movimento e a fragilização dos acordos internacionais estabelecidos após a Segunda Guerra Mundial, que garantiram os direitos aos refugiados, a proteção humanitária a população e o julgamento de crimes contra a humanidade. Para resistir a essa tendência mundial e garantir a continuidade da legitimidade de sua atuação, MSF usou as comemorações de seus 50 anos como um momento de denúncia e de divulgação de seu posicionamento político. Foi por meio desses discursos que o presente trabalho pôde mapear sua historicidade e o trabalho com

⁷⁸ G1, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2023/05/05/oms-declara-o-fim-da-emergencia-global-de-covid.ghtml>. Acesso em: 08 mai. 2023.

⁷⁹ SANTOS, Boaventura de S. *O futuro começa agora: a pandemia a utopia*. São Paulo: Boitempo, 2021, p. 28.

⁸⁰ FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*: curso no Collège de France (1975-1976) São Paulo: Martins Fontes, 1999., p. 304.

⁸¹ O discurso pode ser acesso na íntegra em: <https://brasil.un.org/pt-br/289828-alto-comiss%C3%A1rio-os-direitos-humanos-t%C3%Aam-o-poder-universal-de-levar-pessoas-%C3%A0-a%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 25 fev. 2025.

a memória. Uma trajetória construída como um longo processo de aprendizado, no qual as experiências se tornam fonte de ensino e adaptação ao presente. Sem recorrer a fórmulas pré-concebidas, nem a utopias, MSF constrói sua identidade e autoridade na ação humanitária, narrando sua história, apontando seus erros e justificando, assim, suas mudanças para algum futuro possível.

Referências

BAUMAN, Zygmund; DONSKIS, Leonidas. **Cegueira Moral**: a perda da sensibilidade na modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BBC. **A volta dos fantasmas da guerra de Biafra, que deixou 1 milhão de mortos há 50 anos**. 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-39919926>. Acesso em: 09 mar. 2025.

BONA, Aldo N. **História, verdade e ética**: Paul Ricoeur e a epistemologia da história. Guarapuava: UNICENTRO, 2012.

CARNEIRO, Giovanna E. S. **50 anos da organização Médicos Sem Fronteiras**: análise da historicidade em um filme documentário (2021). Relatório de Iniciação Científica. UNICENTRO: 2024.

DERDERIAN, Katharine; SCHOCKAERT, Liesbeth. Respostas a Fluxos Migratórios Mistos: uma perspectiva humanitária. **SUR**: Revista Internacional de Direitos Humanos. Ano 6, nº 10, São Paulo: junho 2009, p.107- 119.

EM OUTROS CANTOS. 1.^a e 2.^a temporada. MSF, 2018-2019. **Médicos Sem Fronteira Brasil**. Spotify. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/1tqe29Ej1P4HxkFmKwcBW5>. Acesso em: 09 mar. 2025.

FASSIN, Didier. Humanitarianism as a politics of life. In: *Public Culture*. Vol.19, Issue 3. Duke University Press, fall 2007 (p.499-520). Disponível em: <https://read.dukeupress.edu/public-culture/article-abstract/19/3/499/31885/Humanitarianism-as-a-Politics-of-Life>. Acesso: 08/05/2023.

FASSIN, Didier. **Por uma repolitización del mundo**: las vidas descartables como desafío del siglo XXI. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2018.

FASSIN, Didier. Humanitarianism as a politics of life. In: **Public Culture**. Vol.19, Issue 3. Duke University Press, fall 2007(p.499-520). Disponível em: <https://read.dukeupress.edu/public-culture/article->

abstract/19/3/499/31885/Humanitarianism-as-a-Politics-of-Life. Acesso: 05 mai. 2023.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976) São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: vontade de saber. 12 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

FOUCAULT, Michel. **O Nascimento da Biopolítica**. Lisboa: Edições 70, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território, População**: curso dado no Collège de France (1977-1978) São Paulo: Martins Fontes, 2008.

G1. OMS declara o fim da emergência global de Covid. **Jornal Nacional**. 5 maio 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2023/05/05/oms-declara-o-fim-da-emergencia-global-de-covid.ghtml>. Acesso em: 08 mai. 2023.

HARTOG, François. **Evidência da história**: o que os historiadores veem. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2011.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2015.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 7 ed. Campinas: UNICAMP, 2013.

MBEMBE, A. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: n. 1, 2018.

MÉDICOS SEM FRONTEIRA. **MSF, 50 anos no ar** - 1ª temp. s. I, MSF, 2021. 4 videos. Disponível em: <https://50anos.msf.org.br/>. Acesso em: 9 mar. 2025.

MÉDICOS SEM FRONTEIRAS. **MSF: 50 anos**. Disponível em: <https://www.msf.org.br/quem-somos/nossa-historia/> Acesso em: 05 abr. 2023.

MÉDICOS SEM FRONTEIRAS. **MSF: 50 anos**. Disponível em: <https://www.msf.org.br/quem-somos/nossa-historia/>. Acesso em: 05 abr. 2023.

MONSSÃO, Maria Regina. **O atendimento da organização Médicos Sem Fronteiras**: entre biopolítica e políticas de vida. Relatório de Iniciação Científica. UNICENTRO: 2024. MORIN, E. A Europa Unida: entre associação e barbárie. **Revista Lua Nova**, nº 49, p. 197-231, 1999.

MUNANGA, Kabengele. Saúde e diversidade: edição especial. **Saúde Social**. São Paulo, v.16, nº 2, p. 13-18, 2007.

NAPOLITANO, Marcos. Fontes audiovisuais: a história depois do papel. In: PINSKI, Carla et al. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: (10), dez 1993.

RODRIGUES, Icles. Usos pedagógicos para Youtube e Podcasts. In: PINSKY, J.; PINSKY, C. (org.) **Novos Combates pela História**: desafios - ensino. São Paulo: Contexto, 2021.

SANTOS, Boaventura de S. **O futuro começa agora**: a pandemia a utopia. São Paulo: Boitempo, 2021.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória Coletiva e Teoria Social**. São Paulo: Annablume, 2003.

SILVA, Wilton S. L. Espelho de Palavras: escrita de si, autoetnografia e ego-história. In: AVELAR, A.; SCHMIDT, B. B. **Grafia de vida**: reflexões e experiências com escrita biográfica. São Paulo: Letra e Voz, 2012.

SOARES, Mariza C.; FERREIRA, Jorge (org.). **A História vai ao Cinema**: 20 filmes brasileiros comentados por historiadores. Rio de Janeiro: Record, 2001.

TÜRK, V. **Perfil oficial da organização ONU Brasil**. s. d. Disponível em: brasil.un.org/pt-br. Acesso em: 25 fev. 2025.

Recebido em 27/05/2025

Aprovado em 16/07/2025